

Banco Mundial aprova plano de Zélia e oferece ajuda

BRASÍLIA — O Banco Mundial (Bird) está “muito disposto” a ajudar o governo do presidente eleito Fernando Collor de Mello. O anúncio foi feito pela coordenadora do programa econômico de Collor, Zélia Cardoso de Melo, depois de receber o diretor do Departamento do Brasil do Bird, Anneane Choksy, o chefe do escritório do banco em Brasília, George Papadopolus, e mais um técnico da instituição, Demetrios Papagiorgio.

A disposição demonstrada por Choksy é de fundamental importância para Zélia que, no programa econômico entregue a Collor para estudo, destacou a necessidade de reverter o fluxo de recursos entre o Bird e o Brasil, negativo no ano passado. “Estamos em condições de fazer coisas melhores porque eles (do Bird) estão de acordo com o nosso programa”, afirmou Zélia, depois de almoçar com os economistas Luís Eduardo de Assis, Francisco José Gonçalves, Antônio Kandir e Ibrahim Eris, integrantes da equipe responsável pela elaboração do plano econômico em estudo pelo presidente eleito.

Viagem — Zélia informou que será a única representante desta equipe a viajar com Collor para o exterior na próxima semana. Os dois, segundo ela, devem se encontrar com o presidente do Bird, Barber Conable, em Washington. Ela se mostrou otimista com as perspectivas de tornar positivo o fluxo de recursos, com base na conversa de ontem com Choksy e em encontros anteriores com representantes do Banco.

Os critérios para liberação de verbas — avaliação do projeto de financiamento, do programa macro-econômico do governo e do tratamento dado à dívida externa — não são conflitantes com o plano entregue por ela e sua equipe ao presidente eleito. O próprio Choksy disse à coordenadora do programa econômico de Collor que está de acordo com o que ela vem anunciando através da imprensa. “Se mostrarmos um programa macro-econômico consistente, não haverá problema”, disse Zélia.

Durante o encontro com Choksy, realizado no anexo 2 do Itamaraty, não se tocou na proposta de limitar a US\$ 3,5 bilhões o pagamento anual do serviço da dívida externa aos bancos privados, contida no programa entregue a Collor. Zélia não acredita que esta disposição venha a se tornar um empecilho para conseguir finan-

meno dado à dívida externa seja um critério importante. “É preferível dizer que vamos pagar menos que apresentar um programa maravilhoso que não seria cumprido”, argumentou a economista. O que for estipulado será pago, garantiu.

Ministro — O presidente eleito ainda não fez qualquer comentário sobre o nome de sua preferência para ocupar o ministério da Economia em seu governo. A expectativa é de que Collor anuncie a escolha nos próximos dias, para levar o futuro ministro na viagem que fará ao exterior a partir do dia 24. A criação do ministério da Economia já foi aprovada pelo futuro presidente. O ministro escolhido terá a incumbência de ajudá-lo nas importantes discussões sobre a dívida externa com chefes de governo e autoridades econômicas dos Estados Unidos, de países europeus e do Japão.

Os elogios de Collor ao plano de ajuste econômico provocaram euforia entre os integrantes da equipe comandada por Zélia. As manifestações do presidente eleito foram interpretadas como mais um sinal do prestígio da assessora econômica junto ao futuro presidente. A favor da economista, há ainda a confirmação de que foi escolhida para integrar a comitiva do futuro presidente que vai ao exterior. Contra as pretensões de Zélia, os assessores de Collor têm dito nos últimos dias que ele prefere um ministro com mais experiência e trânsito entre os empresários. Collor vem manifestando preocupação em acertar na escolha do ministro e do programa econômico logo de saída, a fim de evitar a “sucessão de experimentos” verificados no governo de Carlos Menem, na Argentina.

Zélia também não é a candidata da simpatia do ex-sogro de Collor, o empresário Joaquim Monteiro de Carvalho, que tem forte influência junto ao presidente eleito. Ele vinha defendendo a escolha de algum economista ligado ao ex-ministro Mário Henrique Simonsen, como Daniel Dantas ou André Lara Rezende. Nos últimos dias surgiu uma articulação de empresários em favor de Eliezer Batista, presidente da Rio Doce Internacional, uma das subsidiárias da Companhia Vale do Rio Doce. Também voltou a ser discutida a possibilidade de escolha de um empresário privado de renome, uma das hipóteses levantadas no *staff* de Collor na